

Tambor de crioula: herança, comunicação e resistência no Território quilombola Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim/MA



Dayanne da Silva Santos¹
Joércio Pires da Silva²
Luis Eduardo da Silva Costa³

Resumo

Neste ensaio visual buscamos mostrar a importância do tambor de crioula como instrumento de resistência no território quilombola Santa Rosa dos Pretos, localizado no município de Itapecuru-Mirim, Estado do Maranhão, Brasil. As fotos foram tiradas em abril de 2021, nela compartilhamos a produção de uma liberdade cotidiana que vem da força e das conexões estabelecidas com o tambor, que é um guia/ator importante da defesa do território e do corpo dos quilombolas. “O tambor como herança dos pretos é o alimento da alma, algo que sustenta o ser, pois até quem tá doente quando escuta o som do tambor, se levanta e vai brincar”, ele assume distintos significados, bem como ele é usado pelos moradores como instrumento de luta em momentos de manifestações e enfrentamentos postos pelo Estado e por grandes empreendimentos.

Palavras-chave: quilombos; corpo; resistências; tambor de crioula.

¹ Mulher negra, ativista, poetiza e de terreiro. Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS e integrante do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA) - lavignedayanne@gmail.com

² Quilombola, mestre em Cartografia Social da Amazônia pela UEMA e membro Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA) - 8leco8@gmail.com

³ Discente de graduação no curso de Ciências Sociais da UFMA; Integrante do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA) - luiseduardosjp@gmail.com

Abstract

In this visual essay we seek to show the importance of the creole drum as an instrument of resistance in the quilombola territory Santa Rosa dos Pretos, located in the municipality of Itapecuru-Mirim, State of Maranhão, Brazil. The photos were taken in April 2021, in which we share the production of a daily freedom that comes from the strength and connections established with the drum, which is an important guide / actor in the defense of the territory and the body of quilombolas. “The drum as an inheritance of the blacks is the food of the soul, something that sustains the being, because even those who are sick when they hear the sound of the drum, get up and go to play”, it assumes different meanings, as well as it is used by the residents as an instrument of struggle in moments of demonstrations and confrontations put forward by the State and by large undertakings.

Keywords: quilombos; body; resistances; Creole drum.

Introdução: Santa Rosa dos Pretos

Atualmente existem em todo o Brasil, segundo dados da Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP), “1.691 terras quilombolas em processo, 129 terras quilombolas tituladas, 52 terras quilombolas parcialmente tituladas e 85% terras sem relatório de identificação⁴”. No Maranhão, existem segundo a Fundação Cultural Palmares⁵ 713 comunidades quilombolas reconhecidas sendo que somente 518 possuem certidões de comunidades remanescentes de quilombos no estado. Já segundo a Fundação Cultural Palmares (FCP) na portaria nº 126/2019, publicada no Documento Oficial da União (DOU) de 18/07/2019 existem 816⁶ comunidades remanescentes de quilombos. No município de Itapecuru-Mirim segundo dados da União das Comunidades Quilombolas Rurais de Itapecuru-Mirim (UNICQUITA) existem 70 comunidades quilombolas reconhecidas e outras em processo de reconhecimento.

A região de Itapecuru-Mirim constituiu-se numa zona de intensa produção de algodão, café, açúcar, a partir do trabalho escravo. Contando com a facilidade do escoamento dos produtos via rio Itapecuru a região contou assim com dois itens necessários para os seus primeiros traços de urbanização. Desde 1950 pela rodovia/BR 135 e desde 1985 via Ferrovia Carajás. Muitos grupos negros permaneceram sobre as terras no pós-abolição (século XIX). O declínio das fazendas de

⁴ Informações disponíveis em: < <http://cpisp.org.br/> > Acesso em 19/06/2019.

⁵ A Fundação Palmares é o órgão federal encarregado de emitir a Certidão de Autodefinição de Comunidade Remanescente de Quilombo e, desta forma, passa a reconhecer legalmente que aquela comunidade e o território que ocupa têm relação com os antigos quilombos de escravos. Com a certidão a comunidade quilombola passa a ter direitos e amparos legais assegurados pelos artigos 215 e 216 da Constituição Federal, que se referem à defesa e à valorização do patrimônio cultural brasileiro e afro-brasileiro e à obrigação do poder público em promover e proteger estes patrimônios culturais. Informações disponíveis em: < <http://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/direitos-humanos/fundacao-palmares-certifica-mais-de-30-comunidades-quilombolas> > Acesso em: 19/07/2019.

⁶ Informações disponíveis em: < http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 > Acesso em 26/07/2019.

algodão no Maranhão teria favorecido a emergência de processos de autonomia dos grupos negros e de afirmação territorial com a formação dos quilombos.

A partir da década de 1950, uma série de processos sociais de expropriação das terras foi enfrentado pelos grupos negros/quilombos no município de Itapecuru-Mirim. A fragmentação inicial das terras a partir da disputa com o posseiro abriu espaço para negociações antes inexistentes sobre o território. Instalaram-se fazendeiros de grande porte, que cercaram as terras e negaram o acesso a áreas importantes para a sobrevivência do grupo (como as áreas de lavouras). Muitas lutas foram empreendidas contra fazendeiros, no entanto, a perda territorial aconteceu.

A historicidade de Santa Rosa dos Pretos está relacionada à vinda de sete famílias para o trabalho escravo na Fazenda Santa Rosa que até 1898 pertenceu a Joaquim Raimundo Nunes Belfort (1820-1898), o Barão de Santa Rosa. Segundo o guardião Paulo Lionel, o Barão deixou a em testamento a fazenda Santa Rosa de herança para Américo, filho do Barão, com uma senhora que havia sido escravizada, a senhora América e para os pretos que o serviram como escravizados.

Nesse contexto, Santa Rosa dos Pretos é um dos territórios quilombolas do Estado do Maranhão historicamente marcado pela escravidão e drasticamente afetado por três (3) linhas de energias, fazendeiros, uma (1) rodovia/Br 135 em duplicação desde 2017, duas (2) Estradas de Ferro Carajás e uma (1) ferrovia Maranhão – Teresina. Para o Estado importante corredor de exportação de commodities para o desenvolvimento econômico do Brasil (BRUSTOLIN; DOS ANJOS; SANTOS, 2018).

Mesmo sufocado pelos grandes empreendimentos Santa Rosa dos Pretos é um grande território negro/quilombola, com 20 quilombos dentro do mesmo território, sendo que existe um quilombo dentro desse território que recebe o mesmo nome do território. O território é composto por mais de 800 famílias e por uma grande e rica rede de parentesco que são marcados pelos casamentos e apadrinhamentos dentro do próprio território ou com os quilombos/territórios vizinhos, situados no município de Itapecuru-Mirim.

Santa Rosa dos Pretos é também uma categoria de luta fruto do processo de afirmação e valorização de uma identidade negra que tem como fortaleza a luta dos mais velhos (guardiões) e a inspiração das ancestralidades⁷. “Dos Pretos” é também uma categoria que vem se reconfigurando e faz parte do reconhecimento dos negros e negras que foram escravizados pelos Belfort (senhores de engenhos), mas, que continuaram, reexistiram às chibatadas e maus tratos e hoje estão reexistindo à modernidade/colonialidade. Aquelas famílias que descendem dos escravizados que não tem o sobrenome de “Belfort” é porque se reconheceram enquanto grau familiar, filhos

⁷ Tudo aquilo que se transformou em fortaleza, pois os próprios guardiões se encantaram na luta e se transformaram em fortalezas.

de escravizados, que foram arrancados da mãe África e tinham o sobrenome de Pires e não do Barão, é o caso da família de seu Libânio Pires, guardião, importante liderança na comunidade e um dos nossos principais interlocutores.

Itapecuru-Mirim é um grande território de negros que conseguiram se aquilombar, constituíram famílias, preservaram os tambores, as festas e reorganizaram a forma e uso da terra. Trabalhando em coletividade por muito tempo viveram em uma terra sem cercas, os limites e a gestão do território em Santa Rosa dos Pretos ficavam a cargo dos mais velhos, que se reuniam para decidir formas de uso e ocupação das terras de preto (SANTOS, 2019, p. 44)

Desde 2005 as/os quilombolas lutam junto ao Instituto Nacional de Regularização e Reforma Agrária (INCRA/MA) pela titulação definitiva de seu território, em 2008 se consegue o Laudo Antropológico, que só tramita juridicamente depois da ocupação de 2014 nos trilhos da Estrada de Ferro Carajás⁸ e da ocupação em 2015 do INCRA/MA, ambos seguidos de greve de fome. Em 2015 se consegue o termo de desapropriação em nome dos/as quilombolas, mas até janeiro de 2022 a titulação nunca ocorreu. Nesses espaços de luta pelo território quilombola o tambor de crioula sempre está presente e é presença da força dos quilombos em todo o Brasil.

O tambor de crioula é uma tradição viva e é passado de geração a geração em dias/noites de festa/festejos ou promessas dentro de Santa Rosa dos Pretos. Desde crianças as/os quilombolas participam das rodas (dançam, cantam, tocam, rezam etc), assim, é na relação cotidiana com o tambor que ele (território quilombola) permanece vivo e se ressignifica ao longo dos tempos, sem nunca deixar de ser força e fortaleza para as/os quilombolas.

Muito além de dança, religião, e cultura negra, o Tambor de Crioula genuinamente maranhense é feito nos quilombos como uma forma de afirmação de sua ancestralidade, de sua resistência e, sobretudo de seus valores e anseios, é onde os quilombolas expressam seus sentimentos, constroem e reconstróem seus vínculos familiares e comunitários em defesa de direitos e do fortalecimento das suas potencialidades.

O tambor de Crioula é descrito pelos quilombolas como: “o alimento da alma”, “algo que sustenta o ser”, pois “até quem tá doente quando escuta o som do tambor, se levanta e vai brincar”. A partir da fala dos interlocutores entendemos o Tambor como instrumento de fortalecimento, de luta, e, como destaca Dona Dalva, de comunicação:

“O tambor ele mexe com nós. O tambor é uma comunicação, que nós se comunica, por exemplo, se nós estamos aqui na Santa Rosa e nós vamos para Filipa, então o povo da Filipa vem para cá, para Santa Rosa, é uma comunicação que nós temos. Se comunicando com outras pessoas

⁸ Mais informações em: < <https://theintercept.com/2018/08/13/vale-quilombos-maranhao/> >. Acesso em: 10/01/2022.

chamando na roda, vamos dançar. Punga na mulher, trás para roda e dali em diante a gente fica unido, nós somos unidos por essa forma do tambor, porque o tambor de crioula é uma coisa de nós pretos.” (SILVA, 2019, p. 75).

Nesse sentido, o tambor revela expressões de luta que permitem pensar em processos políticos de enfrentamento frente às expropriações de terra a partir do fortalecimento dos valores étnicos e culturais do grupo, que permitem vínculos, relações e busca de caminhos para a reconstrução contínua da conquista da autonomia e da segurança territorial que o testamento e o laudo antropológico, por si só, nunca garantiram. O tambor aparece dessa forma, como elemento central de enfrentamento aos desmontes e às mazelas impostas diariamente aos quilombolas, ao mesmo tempo em que é alimento/força para corporaneidades não brancas. Mais que uma expressão cultural, o tambor de crioula é uma das forças políticas dos/das quilombolas do território quilombola de Santa Rosa dos Pretos ontem, hoje e amanhã na costura de futuros possíveis.

1. Queimei canavial: O tambor é uma comunicação

Pensar a realização de uma etnografia visual do quilombo de Santa Rosa dos Pretos, localizado no município de Itapecuru-Mirim no estado do Maranhão é narrar a produção da liberdade desde o lugar de potência da margem. A escuta, e o sentir os quilombos restitui mundos de guerra e assegura humanidades para além do ideal de humano Ocidental imposto nas relações sociais e de poder na constituição da sociedade brasileira.

Santa Rosa tem história, aqui é um lugar com muitos acontecimentos, desde pequeno meus pais me contavam as histórias desse lugar e assim eu fui aprendendo, aqui era uma fazenda onde teve trabalho escravo, senzala e essas coisas, os pretos aqui não tinham vez, mais sempre resistiram e isso é que estamos aqui”. (Trecho de entrevista do Sr. Paulo Leonel no dia 12.12.2018).

O tambor de crioula quando “dançado a coice e tocado a murro” fortalece os corpos não brancos na luta diária contra uma escravatura antiga, o racismo. O tambor revela aos oprimidos um universo de possibilidades analíticas para falar sobre identidade, resistência e territorialidade, que trazem nas cantigas de roda/ as toadas/músicas o cotidiano da vida dos Quilombolas, o trabalho na roça, nas marombas (mutirões), a produção dos alimentos de consumo e de renda, as brincadeiras, as conversas de quintais, as festividades e, as sobretudo, a vivência quanto ao ser quilombola desde o sentir a força dos ancestrais na proteção e luta para permanecer no território

quilombola historicamente ameaçado por políticas/projetos desenvolvimentistas, que expõe a necropolítica em curso.

Contudo aqui buscamos compartilhar imagens de uma roda de tambor, onde o toque fundamenta as palavras aqui narradas, os sentidos e as relações/conexões que o tambor fornece estão centrados nas articulações/ forma de defender e permanecer no quilombo. Uma roda é um momento importante de produção de conhecimentos, nela se debate sobre políticas, religião, cultura, tradição, etc., se canta sobre quais foram e são os processos usados pelos negros como forma de resistência e enfrentamento a colonialidade em curso, bem como eles se constituíram enquanto Quilombolas e as lutas que travam para serem reconhecidos.

Ao falar sobre o Território Santa Rosa dos Pretos, falamos de um lugar “único”, encantado, repleto de lutas que traz em suas manifestações culturais a essência de sua resistência antiga e centrada na resistência das pretas/pretos que lutaram antes. A noção de resistência cultural, discutida por Amílcar Cabral (1969), juntamente com essa perspectiva de processos de resistência disseminados no cotidiano dos sujeitos submetidos ao regime escravista, nos permite avançar no debate sobre o tambor como um lugar político e epistemológico importante para o povo negro existir.

2. O tambor como guia do território

O Tambor está associado à força e resistência, como destacou seu Libânio Pires, liderança quilombola e ancião da comunidade Santa Rosa, em entrevista em setembro 2016 - “O tambor pra nós negros é uma segurança de vida. O negro não poderá se separar da sua maior herança. O tambor é uma afirmação da nossa identidade. Ninguém resistia ao que o negro resistiu branco nenhum resiste, não é a toa que você toca tambor a noite inteira e você não sente nada”.

Nesse sentido esperamos ampliar as narrativas sobre a produção da liberdade desde o bailar dos pés em conexão corpo-natureza centrada na força da matriz-africana dentro do quilombo as conexões possíveis no entendimento político e ontológico do tambor como uma entidade/ator importante para abertura de espaços de fala e de visibilização do povo negro desde os quilombos para a sociedade brasileira como um todo.

As fotos foram registradas em abril de 2021 (tempo de pandemia mundial, agravada pela Covid-19 e simbolizam estratégia outras de resistir e tecer cura diante das intensas desigualdades impostas ao povo negro no Brasil. Optamos em não colocar legendas nas

fotos para que a leitora/or possar baíar conosco em reflexões do sentir que são ubuntu, dinâmicas e dissidentes, mas comunicação que nos quilombos todos são uma força importante, aqui destacamos as lideranças de linha de frente: Maria Dalva Pires da primeira foto, cantando com ela Anacleta Pires, no tambor grande Elias Belfort e na fogueira, Joércio Pires, filho de Anacleta Pires, neto de Libânio Pires, semente de uma força que passa de geração a geração queimando canaviais e arrebatando as correntes do racismo sobre os corpos e territórios negros.

3. Ontologias negras visuais⁹

“O tambor é uma afirmação da nossa identidade. Ninguém resistia ao que o negro resistiu branco nenhum resiste, não é a toa que você toca tambor a noite inteira e você não sente nada” (mestre e liderança quilombola Libânio Pires).

A toada expressava e expressa tudo aquilo, que os quilombolas sentiam/sentem diante de tantos maus tratos coloniais:

*Queimei canavial,
Queimei canavial,
No romper da madrugada
Eu queimei canavial”.*

A letra dessa toada, trazia consigo a lembrança de um passado de dor, onde mesmo assim, os negros se rebelavam contra o sistema vigente da época, quando em plena madrugada eles tacavam fogo nos canaviais dos senhores, como um ato de insurgência e rebeldia. Atualmente o “canavial” está expresso na figura do Estado e dos grandes empreendimentos em curso no Brasil que seguem uma lógica de morte para corpos não brancos, o desenvolvimento econômico.

⁹ As imagens que usamos neste trabalho foram feitas em contexto de pandemia mundial provocada pela Covid-19 e com elas fizemos o registro de um vídeo curta metragem que conta um pouco a história e importância do tambor para as/os quilombolas de Santa Rosa dos Pretos. Segue o link de acesso ao curta: <https://www.youtube.com/watch?v=gZJz2QFs45Q&t=314s>

Os tambores desde as senzalas fortalecem os corpos de pretas e pretos, esses por sua vez são instrumentos políticos e interpelam a sociedade brasileira como um todo. Assim, os tambores são guias e guiam os/as quilombolas na luta pela titulação definitiva de seus territórios, além de ser esse lugar de encontro e reencontro para os povos da diáspora, dede o Atlântico para o Continente, nas rodas somos múltiplos, comunidades e seres políticos ancestrais que cantam, dançam/baiam, tocam, gingam na produção de movimentos contra-coloniais na libertação da mente, corpos e territórios.











Referências

BRUSTOLIN, Cíndia; DOS ANJOS, José Carlos Gomes; SANTOS, Dayanne da Silva. Um corredor para exportações: o território de Santa Rosa dos Pretos nas v(e)ias abertas da mineração. SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de; TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino; BRUSTOLIN, Cíndia. (Orgs.) **Desenvolvimento em questão: projetos desenvolvimentistas, resistências e conflitos socioambientais.** São Luís: EDUFMA, 2018.

SANTOS, Dayanne da Silva. **NÃO SE PODE ENTRAR EM TERRA DE ENCANTADO SEM PERMISSÃO:** um estudo sobre a relação entre pessoas e encantados na luta pelo território quilombola Santa Rosa dos Pretos (ItapecuruMirim/MA). São Luís/MA,

UFMA, 2019 Dissertação do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFMA.

SILVA, Anacleto Pires da. **Resistência e Trajetória de Luta pela Regularização Fundiária do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos /** Anacleto Pires da Silva – Bacabal, 2017.

SILVA, Anacleto Pires da. SANTOS, Dayanne da Silva. **TERRA DE ENCANTADOS:** a luta pela permanência no território quilombola Santa Rosa dos Pretos (ItapecuruMirim/MA). São Paulo: Hucitec, 2020.

SILVA, Joécio Pires da. **O TAMBOR COMO HERANÇA DOS PRETOS: UMA ANÁLISE SOBRE O TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE SANTA ROSA DOS PRETOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia – PPCSPA/ Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Cartografia Social e Política da Amazônia. São Luís, 2019.